

# INFORME MENSAL

## A.H.J.B

Ano 4 - Agosto de 2012 Nº 33  
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro  
EDITOR: Samuel Belk

Neste número

- 1-A história do tango Ídish
- 2-Itzik Manger
- 3-Manuscritos do Mar Morto
- 4-Primeiro Museu sobre a História da Inquisição
- 5-Homenagem ao prof. Israel Blajberg
- 6-Será o ídish sustentável?
- 7-O Humor Judaico de Woody Allen
- 8-As litografias de Marc Chagall

### A história do tango ídish

por Lloica Czakis

*A primeira vez que ouvi falar de tangos em ídiche nem o tango e nem o ídiche me interessavam de forma particular, embora fizessem parte da minha herança cultural sob vários aspectos. Na época, eu estudava canto lírico na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Numa viagem a Buenos Aires, em dezembro de 1997, visitei o Instituto IWO (ligado ao Instituto YIVO nos Estados Unidos), em busca de mais material para incluir em meu repertório, talvez canções judaicas da Argentina.*

*Mas o que encontrei foi um conjunto de canções originárias dos guetos e campos de concentração da Europa, escritas em ritmo de tango. Nelas, o tango, quase um sinônimo de dança e sensualidade, estava associado a uma linguagem totalmente diferente e tornava-se um símbolo de vida e resistência em meio à mais profunda miséria.*

*Quatro anos depois, finalmente pude interpretar aquela música, graças a um projeto premiado pelo Jewish Music Institute. Um famoso pianista e compositor de tangos, autor da trilha sonora de filmes como “Los Gauchos Judíos”, Gustavo Beytelmann aceitou fazer os arranjos e, com Juan Lucas Aisenberg à viola, acompanhou-me em um show no The Spitz, em Londres, em novembro de 2002.*

O tango é resultado de uma mescla cultural cuja origem precisa é indeterminada. Não há quem possa reivindicar a autoria de sua criação. Sua natureza diversificada explica por que foi sempre bem recebido e transformado em sua extraordinária viagem ao redor do mundo. Tangos em ídiche são somente um episódio dessa crônica, um exemplo da tendência dos judeus em se adaptarem ao que é característico de seus países adotivos e também, de

forma mais geral, da aceitação mútua e frutífera interação entre diferentes etnias. Para os judeus, o tango, sempre um catalisador para a expressão mais pessoal, foi usado para transmitir experiências tão diferentes quando amor e romance, preocupação social e os horrores do Holocausto. Nos anos 1970, na Argentina, eles enfrentaram outra tirania durante a selvagem perseguição civil da ditadura. Para os judeus era como se ouvissem um eco e de um filme tantas vezes reprisado e logo os escritores estabeleceram um paralelo entre passado e presente.

Eis o que escreveram os filósofos argentinos Santiago Kovadloff e Saúl Sosnowski no capítulo da Enciclopédia Judaica sobre a América Latina: “Nos países da América Latina que conheceram um tipo de repressão sem precedentes em sua história, a sobrevivência – talvez o tema básico de toda literatura judaica obviamente desempenhou um grande papel. E, em circunstâncias idênticas, alguns temas judaicos se tornaram instrumentos precisos para interpretar uma realidade que séculos de perseguição e exílio estamparam na tradição cultural do judeu histórico.” Talvez esteja aí o pulso do tango ídiche.

**Lloica Czakis Pesquisadora e cantora Argentina**

### Itzik Manger (1901-1969)

Poeta, dramaturgo e romancista judeu nasceu em 30 de maio de 1901, na cidade de Czernowitz. Aprendeu folclore judaico e poesia com seu pai, alfaiate de profissão e que improvisava versos rimados. Seu irmão Nute, que também nasceu em Czernowitz, em 1907, era um literato e seu conselheiro. Seu tio também se chamava Nute.

Todos eles, inclusive o poeta Manger, foram inicialmente alfaiates. A família é procedente de Kolomai, Galícia. Seu avô foi carroceiro e sua avó materna contista e cantora de canções populares. Estudou em um *cheider*, a escola religiosa tradicional do *shteitl* daquela época, depois cursou e concluiu a escola primária e o ginásio oficial, de orientação alemã e estudou o ídish em seu país natal, a Romênia.

Em 1928 estabeleceu-se em Varsóvia, onde fez palestras, bem como em outras cidades polonesas, sobre literatura judaica e europeia, baladas e humor judaico, tendo sido apreciado especialmente pelos jovens.

Sob a influência dos líricos alemães e dos *badchonim*, como Eliakun Zunzer, tornou-se poeta popular, inicialmente com suas baladas e depois

com canções satíricas de *Chumach Lider e Megila Lider*.

Em *Chumach Lider (Canções do Pentateuco)*, 1935, Manger retrata figuras patriarcais, como judeus contemporâneos, com todos os sentimentos e defeitos dos judeus do *shteitl*. Seus poemas conferem certa graça aos fatos bíblicos.

Falando do patriarca Abraão assim ele se expressa:

*A empregada Agar está sentada na cozinha/  
Uma fumacenta lamparina está acesa/  
E fantasmas de gatos e ratos/  
Encontram-se nas paredes cinzentas/  
Ela chora, seu patrão/ mandou-a hoje embora/  
Ela leva um avental verde de seda/  
E um chapéu de palha de verão  
Coisas com que ele a presenteou  
Quando passeavam no prado  
Lá onde passa um trem.*

E Agar lamenta:

*Assim como a fumaça da chaminé  
E assim como a fumaça do trem  
Assim é, minha querida mãe  
O amor de um homem.*

(Do poema :Agar deixa a casa de Abraão)

A fala de Sara para Abraão:

*Quando teremos um filho?  
Já somos os dois bastante idosos/  
Sabes, Abraão, toda noite/  
Eu ouço meu corpo vibrar/  
E Agar somente é tua empregada /  
Eu sou tua verdadeira mulher/  
Abraão, nosso pai, dá um sorriso e se cala/  
Solta fumaça de seu cachimbo/  
Minha querida mulher, quando Deus quer/  
Ele dá tiros até com uma vassoura.*

### **Manuscritos do Mar Morto**

A Casa de Cultura receberá no dia 15 de agosto, em seu auditório, às 20 horas o Professor Adolfo Roitman que introduzirá ao público o Mundo dos Manuscritos do Mar Morto, a história de seu descobrimento, tanto dos documentos escritos como da arqueologia de Qumrán, bem como o significado destes manuscritos para a compreensão do judaísmo e do cristianismo.

O Professor Roitman é internacionalmente reconhecido por suas pesquisas com os Manuscritos do Mar Morto, sendo, inclusive, o

curador da exposição sobre os Manuscritos no Israeli Museum. Ele é reconhecido internacionalmente como o mais importante especialista sobre os Manuscritos.

### **Primeiro Museu sobre a História da Inquisição**

A inquisição chegou a Portugal em 1497, depois que Dom Manuel casou-se com d. Isabel, a filha dos reis católicos da Espanha que haviam expulsado os judeus do seu país em 1492. A partir daquela data, as leis da Inquisição, o Santo Ofício e os Autos-de-fé foram introduzidos em Portugal.

Assim, o Brasil nasceu durante plena Inquisição Íbero-lusitana que durou quase três séculos e meio. Na verdade, o Brasil foi como um “Mar Vermelho” que se abriu para milhares de judeus portugueses que foram forçados sob pena de morte à conversão ao catolicismo. Eram os chamados Cristãos-Novos. “Marranos”, “Anussim” ou mesmo “Criptos-Judeus” que esperavam encontrar no Brasil um lugar mais seguro para se viver, pelo menos, longe das fogueiras inquisitoriais.

Entretanto, em 1591, o Brasil recebeu pela primeira vez o Inquisidor português Heitor Furtado de Mendonça que aqui instalou uma extensão do Santo Ofício para perseguir, processar, deportar, torturar e condenar esses imigrantes e seus descendentes, dos quais muitos terminaram executados nas fogueiras da Inquisição em Lisboa.

Essa parte da história será mostrada no 1º Museu da História da Inquisição do Brasil, que ora se inaugura através de painéis, gravuras e pinturas de artistas como o pintor espanhol Francisco Goya e outros, além da exposição de documentos e livros antigos, objetos e até mesmo através de réplicas de alguns equipamentos de tortura em tamanho real como o polé, o potro, o garrote e outros.

Todo este projeto é uma iniciativa da ABRADJIN, Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição, que é uma fundação privada, instituição com caráter cultural e educativo, sem fins lucrativos, fundada em 09 de agosto de 2000 e que já conta com mais de mil associados, respeitando o direito de crença de cada um.

Sua sede está localizada no bairro Ouro Preto, em Belo Horizonte-MG, e atua por meio do Centro de Cultura e Memória Sefaradita Anussim.

“A inauguração do museu acontecerá no dia 19 de agosto próximo e o mesmo estará aberto ao público em geral, principalmente a visitas de professores de história e alunos interessados em enriquecer o conteúdo programático do currículo escolar

O Museu da História da Inquisição oferecerá ao público uma biblioteca com mais de 350 obras, constituída por uma coletânea de raríssimos e antigos livros sobre a Inquisição datados de 1637 e outros documentos originais anteriores a esta data.

O Museu também conta com um mini-auditório com recursos de multimídia onde serão apresentados filmes e documentos sobre o período da Inquisição, além da exposição de fotos, gravuras, textos e de pequenos objetos. Contará também com um banco de dados para pesquisas sobre a história e origem do povo judeu como um dos colonizadores do Brasil, coletando e listando nomes e sobrenomes judaicos desses importantes colonizadores, dos quais muitos foram condenados e executados pela Inquisição.

Além da exposição de objetos e documentos antigos, o museu mostrará vestuários da época e exibirá um pedaço do rolo de uma Torá (Pentateuco) que sobreviveu à perseguição inquisitorial na Espanha, sendo usada ainda por muitos anos por judeus sefarditas durante a idade média. Esta será, com certeza, uma das maiores preciosidades do Museu.

Uma sala do Museu é chamada “Memorial dos Nomes”, e foi dedicada aos brasileiros vítimas da Inquisição. Nela constarão os nomes e números dos processos de condenação dessas vítimas da crueldade e da intolerância religiosa em nosso país.

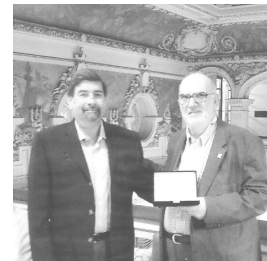
### **Homenagem ao prof. Israel Blajberg**

A Associação dos Ex-Combatentes do Brasil realizou o Tradicional almoço mensal dos Veteranos no Clube Naval, tendo como convidados especiais o Cel. Mario Caldas, Diretor do Arquivo Histórico do Exército e o Dr. Mauricio Serebrinic, Presidente do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

As duas instituições são referências arquivísticas, tendo o AHEx sido criado em 1808 pelo Príncipe

Regente D. Joao VI e sediado no Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. O Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB), fundado em 1976 na capital paulista, é um dos maiores repositórios de informação sobre a história da imigração judaica no Brasil e a preservação da memória da presença judaica no país.

Ao início da reunião Cel. Caldas e Dr. Serebrinic discutiram sobre suas instituições, tendo o Dr. Serebrinic feito entrega ao Prof. Israel Blajberg de uma placa de “Amigo do AHJB” e de exemplares da Revista do AHJB.



Presentes os veteranos da 2ª. Guerra Mundial Melchisedech Afonso de Carvalho, Secretário das Associações dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Rio de Janeiro, Dr Israel Rosenthal, Vice Presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB e Miguel Grinspan, Decano do Batalhão do Imperador.

Na foto: O presidente do Arquivo e o homenageado

### **Será o idish sustentável?**

**Jacob Zajdhaft**

Ansiosamente aguardada, a noite do idish, com o show da atriz Berta Loran, reuniu cerca de 300 pessoas no salão do Clube Israelita Brasileiro (CIB). A realização, promovida pelos "Amigos do Idishe" e o "Grupo Idishvivo do Museu Judaico do Rio de Janeiro", teve total apoio do clube e superou a expectativa da organização (leia-se Genni Blank) que continua empreendendo esforços para a sustentabilidade do idioma.

Durante duas horas de show, Berta Loran esteve acesa no palco e arrancou risos incontidos pelas piadas em idish, muitas delas bem apimentadas, além do repertório com canções, como "A Ídishe Mame". A identificação dos presentes com o idish lembrava os saudosos tempos da convivência familiar antiga, quando o idioma predominava nos lares judaicos.

Calcula-se que cerca de três milhões de pessoas no mundo falem o idish. Em Israel (população de sete milhões e oitocentos mil), o idioma hebraico é falado por cerca de seis milhões, em seguida o árabe, com mais de um milhão, o russo por novecentos mil e o idish por duzentos mil.

O escritor Isaac Bashevis Singer, Prêmio Nobel em Literatura (1978), no discurso de sua premiação pela Academia Sueca, disse que "a língua idiche está morrendo há mil anos e ainda vai levar mil anos para morrer".

Transcrito do "Nosso Jornal Rio" de 26/06/2012

## **O humor Judaico de Woody Allen**

**Léa Vinocur Freitag**

A publicação "Jewish Journal" iniciou uma campanha de arrecadação de fundos, com a finalidade de patrocinar o próximo filme de Woody Allen em Israel. Os idealizadores do plano acham que é bom investir em informações sobre Israel, para melhor divulgar o país.

Em artigo recente para a "Tribuna Judaica" Caio Blinder mostra que um dos estereótipos favoritos de Woody Allen, o judeu liberal de Nova York, está desaparecendo, substituído pela figura do ortodoxo, que predomina inclusive entre os jovens. Esse número vem aumentando, até pelo fato de os judeus ortodoxos terem numerosos filhos.

Caio Blinder observa esse mesmo fenômeno em outras regiões americanas, como Los Angeles, em que predominam grupos ligados ao Chabad e ao Chassidismo. O humor judaico se caracteriza por enxergar sempre um ângulo inusitado nas mais diversas situações. Nesse sentido, Woody Allen depara com uma possibilidade criativa e hilária no personagem que é o cantor de chuveiro. Há nessa caricatura um fundo de verdade, porque no chuveiro se atinge o auge do relaxamento, o que é desejável na emissão de uma voz natural, sem contrações.

Quando entrevistamos Jan Peerce, o maravilhoso tenor do Metropolitan Opera House, o título da matéria fez referência a uma frase do grande artista: "Cantar é voltar à natureza". Ele afirmava que a emissão da voz deve ser natural como o choro de uma criança. Podemos acrescentar: como cantar no chuveiro

A voz que se ouve no filme "Para Roma com amor" é de um tenor com voz belíssima, adequada ao "bel canto", e se podem apreciar árias inteiras, as mais emblemáticas do repertório lírico. O cantor se apresenta no palco dentro de um chuveiro, se

ensaboando, e os agudos fluem brilhantes e precisos. A ária trágica de "Pagliacci" é o "gran finale", encerrado com a frase dramática: "La comedia è finita!" Fecha-se a cortina e o público aplaude de pé a belíssima encenação. O tenor sai do chuveiro para agradecer.

## **As Litografias de Marc Chagall**

A série de 50 litografias de Chagall constituem uma interpretação altamente pessoal e visual de *A Tempestade*. Chagall relê a peça de renascimento de Shakespeare como diretamente relacionada a sua própria biografia: um judeu que vindo de um pequeno vilarejo no Leste Europeu e que se tornou um dos mais importantes artistas modernos de Paris e de todo o Mundo. Pouco conhecidas mesmo entre especialistas da obra de Chagall, esta é a primeira pesquisa acadêmica realizada sobre essas obras.

Hanna Scolnicov: é doutora em literatura inglesa pela Universidade Hebraica de Jerusalém, com tese sobre as experimentações satíricas de Ben Jonson. É atualmente professora do curso de Teatro da Universidade de Tel Aviv. Como professora convidada, passou por universidades na Inglaterra, França, Itália, Portugal e China.

Sua palestra sobre as Litografias de Marc Chagall será no auditório do Centro da Cultura Judaica, no dia 29 de agosto, às 20 horas.

## **Voluntários**

O AHJB está admitindo voluntários para seu Departamento de Música e colaboradores para o Informe Mensal. Contatos com o editor pelo EMail [belk@uol.com.br](mailto:belk@uol.com.br)

### **Colaboradores**

Myriam Chansky, Fábio Zuker, Léa Vinocur Freitag, Rebeca Belk, Sueli Epstein, e Hadasa Cytrynowicz( correspondente de Los Angeles).

### **Arquivo Histórico Judaico Brasileiro Presidente: Mauricio Serebrinic**

**Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 2157-4121  
E Mail: [ahjb@ahjb.org.br](mailto:ahjb@ahjb.org.br)  
Site: [www.ahjb.org.br](http://www.ahjb.org.br)**

**Esta edição: Quatro páginas.**

**Tiragem: 800 exemplares, sendo 150 impressos e 650 digitais.**

**Todos os números anteriores do Informe se encontram no Site do Arquivo.**